

**Entrevista de Mendes Bota ao Jornal do Baixo Guadiana**  
**22 de Junho de 2011**

**1. Que medidas considera urgentes relativamente à requalificação da Estrada Nacional 125?**

O projecto foi elaborado, adjudicado, e de entre as suas 84 rotundas, múltiplas variantes, acessos à A22, e melhoramentos e embelezamentos diversos, a requalificação da EN 125 não pode voltar para trás. É um compromisso para a legislatura, para fazer numa mediação constante entre o que vai sendo prioritário e as disponibilidades financeiras. Apesar de esta estrada nunca se ir assumir como alternativa à Via do Infante, a sua requalificação é essencial para o Algarve. E as variantes de Faro e Olhão não podem deixar de estar no pelotão da frente das prioridades. Não é aceitável, em pleno século XXI, que o trânsito tenha que continuar a atravessar duas das maiores cidades do Algarve.

**2. O que pensa da introdução de portagens na A22?**

Tenho opinião desfavorável. Mas, em matéria de portagens na Via do Infante, será bom recordar que o PS foi governo nos últimos seis anos, e foi o PS quem assumiu por escrito essa isenção no Algarve. O Ministro Lino prometeu. José Sócrates veio cá jurar que portagens na Via do Infante, nunca! Mas a verdade é que a alternativa da EN 125 não existe, os pórticos já estão lá, e o governo não assumiu a sua responsabilidade, tentando passá-la hipocritamente para o PSD, nem assumiu o negócio ruinoso das SCUTs.

No lado do PSD não há qualquer incoerência. O PSD/Algarve e eu próprio sempre nos manifestámos discordantes com a introdução de portagens na Via do Infante. A direcção nacional do PSD, desde sempre defendeu a aplicação do princípio do utilizador-pagador em todas as SCUTs. É uma divergência que assumimos, e quem tem o poder exerce-o, não andámos a passar a bola para o lado só para ganhar votos. O Primeiro Ministro é Passos Coelho, que assumiu com coragem a sua opção, e eu devo respeitá-la, mesmo que dela discorde.

Agora, espero que, perante esta inevitabilidade, no cálculo do custo das portagens da Via do Infante, seja tido em conta que cerca de 2/3 do seu investimento inicial proveio dos fundos comunitários, ao contrário das SCUTs do resto do país. Faz todo o sentido que as portagens na Via do Infante reflectam essa diferença para menos nos custos.

**3. Qual o destino que vai ter o processo de regionalização?**

Na actual situação de emergência social e financeira em que se encontra o País, com milhões de portugueses a passar dificuldades básicas, seria de um irrealismo insano pensar que existe clima político favorável para fazer da regionalização a prioridade número um da governação. Não acredito que, neste momento, um referendo à regionalização, tal como está previsto na Constituição, conseguisse ultrapassar o clima de suspeição de despesismo e mais classe política que se instalou numa parte da população portuguesa relativamente a esta importante reforma. Há que ter a flexibilidade suficiente para encontrar caminhos alternativos, gradualistas, experimentais, para ir vencendo pela prática essas resistências. Daí que o PSD tenha proposto a possibilidade de se avançar na próxima legislatura com a criação de uma região-piloto. É um compromisso claro e específico. Se esse caminho não for inviabilizado

pelo Partido Socialista, o Algarve está naturalmente qualificado para assumir sem traumas nem controvérsias esse papel pioneiro, cuja extensão ao resto do País é desejável.

Continuo a dizer que só seremos livres de decidir o nosso próprio destino, quando o sistema político se reformar de forma descentralizada, abrindo o caminho para a Regionalização. Mesmo que seja por pequenos passos, vale a pena caminhar nessa direcção.

Na revisão constitucional, tal como o PSD propõe, deve-se eliminar a lei travão, e permitir a criação de regiões-piloto. O problema aqui, é que o PS não tem dado mostras de querer desbloquear o processo. À laia de exigirem a simultaneidade das regiões, preferem não ter nenhuma. Eu prefiro ter uma região-piloto que avance e seja um sucesso contagioso, do que não ter nada, que é o que temos 36 anos depois de a Constituição ter sido aprovada.

#### **4. Qual o melhor desenvolvimento turístico para o Algarve?**

Há dias tive a oportunidade de dizer a Tiago Monteiro, um jovem estudante de jornalismo, que Portugal precisa de equilibrar a sua balança de pagamentos. Para isso precisa de aumentar as suas exportações o mais rapidamente possível. O Turismo é um sector exportador de bens transaccionáveis. As fábricas do Turismo, designadamente no Algarve, estão construídas. Temos um produto consolidado, que carece de ser vendido, e isso só se faz com um forte investimento na promoção, junto dos mercados mais próximos, leia-se, Espanha, Reino Unido, França, Alemanha, Holanda, só para mencionar alguns. Mais do que animação para os que já estão, precisamos de promoção junto dos que ainda não estão. Esta é a estratégia do curto prazo. Se quisermos colocar o olhar mais longe, temos que partir à conquista de novos mercados, novas rotas, no triângulo virtuoso Portugal/América do Sul/África, ou de novos nichos no Turismo Sénior, nos Emigrantes, nos cidadãos com deficiências e incapacidades, no turismo religioso, de saúde e de bem estar, por exemplo. E, sempre, uma grande aposta no mar, e nas enormes potencialidades que comporta, designadamente em matéria de náutica de recreio ou construção e reparação naval.

Um forte investimento na promoção do Turismo do Algarve, afigura-se-me como a prioridade das prioridades. O produto está cá, tem qualidade, tem gente capaz. Mas vamos aqui ao lado a Huelva, a Sevilha, a Madrid, se quizer, a Londres e a Paris, onde está todo um mercado potencial de vizinhança, e não se vê o Algarve em nada. Nem nas televisões, nem nos jornais, nem nos out-doors, nem nos autocarros. Nada! O dinheiro de que a ERTA dispõe para promoção é claramente insuficiente. Fica quase tudo em Lisboa. O que nos é devolvido do que o Algarve paga de impostos, nada mais é que umas migalhas. Esbanja-se dinheiro com programas de animação para indígenas verem à borla e para turistas que já cá estão por outros motivos, em vez de se investir na promoção, mais promoção e mais promoção, para captar os turistas que não estão cá. Isto está tudo ao contrário.